

TROCA DE LEITURAS – UM CAMINHO PARA A CIRCULAÇÃO DE LIVROS E IDÉIAS

SILVA, Rafaella Eleutério da¹; **SOUZA**, Agostinho Potenciano de².

Palavras-chave: leitura, formação do leitor, ensino fundamental, circulação de livros.

1. JUSTIFICATIVA/ BASE TEÓRICA

Compreendemos o processo educacional como um ato dialógico que vise à formação humana e que se comprometa com a contínua reflexão do indivíduo sobre sua mundividência, a fim de garantir-lhe que se torne sempre mais consciente de si e do outro. O ato educativo deve contribuir, pois, para a autonomia do sujeito e não para seu assujeitamento social, para o reforço de sua cidadania e não para sua manipulação segundo interesses escusos.

Importantíssimo, nessa ordem, o papel da leitura, por extensão, da linguagem, componente indissolúvel para fomentar o conhecimento. Se é por meio dessa linguagem que pensamos e interagimos, devemos, tão logo, como fez Andrade (2005), lançarmo-nos ao desafio da palavra, ao aceite do combate. Contudo, quando se tem, enquanto espaço educativo, uma escola que não vê o indivíduo como sujeito de sua (trans)formação e a leitura como mediadora da construção de seu conhecimento e de sua consciência, em grande parte ficará comprometida a educação libertadora veementemente anunciada por Freire (2006).

Assim, a escola de que necessitamos deveria entender sempre a palavra como fenômeno ideológico por excelência, como bem a concebeu Bakhtin (1988). Seu papel como contribuinte da formação do sujeito seria o de permitir que ele, por meio da interação com a linguagem e com o outro, solidificasse seu conhecimento, tendo o professor como mediador para fazer com que aquele transforme a informação em matéria de reflexão que lhe permita um saber crítico, conscientizador.

Nesse processo, a experiência de leitura, que leva a uma nova percepção das coisas, é imprescindível para o amadurecimento do sujeito que vislumbramos ser. A escola deve permitir o contato mais dialógico possível entre texto, contexto e leitor, de forma que este alcance a compreensão da palavra e do mundo que o cerca (e do qual faz parte). Impossível seria separá-los um do outro como fenômenos independentes ou pouco próximos. Antes, resultaria de sua simbiose a construção do mundo ou ainda de um outro significado que complementa e/ ou contrapõe (mas sempre investiga) essa idéia de mundo pré-concebida.

Nosso desafio hoje, diante das concepções de escola, leitura e aluno que almejamos, em contraste com outras mais cristalizadas que não atenderiam ao nosso propósito, é o de tornar o processo da leitura mais funcional, de forma a garantir ao letrado entendimento abrangente e compreensão crítica daquilo que lê.

Acreditamos que a ultrapassagem da leitura semântica para uma leitura crítica, definida por Eco (1995), permite que o leitor modifique seu universo de maneira atuante. Se ele faz isso é porque entende esse universo e, à medida que o entende e o modifica, abarca-o, aumenta-o. Consegue, desse modo, exercer com mais plenitude sua cidadania.

Avaliações como o PISA nos dão a medida de como o caminho a ser percorrido é longo. Em 2000 (In: http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/g_piolla/id121201.htm), ano em que o foco desse avaliador do ensino ministrado em diversos países e do desempenho de seu aluno era a leitura, nossa escola tupiniquim alcançou a margem ou sequer saiu dela.

O que se entendeu do resultado obtido é que nossos estudantes não conseguem inferir de um texto simples informações capazes de construir sentidos mais amplos e críticos, não estabelecem relações entre pressupostos e subentendidos, entre texto e contexto.

Parece que essa realidade pouco mudou nos anos que se seguiram. Dados do PISA de 2003 (In: http://www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/Seminario_set_2005/Apresentacao_PISA_encontro_iberico-americano.ppt) verificam que, em relação à escala geral de leitura, saltamos ínfimos 7 pontos. Podemos averiguar que de 396 para 403 pontos não há grande variação de desempenho. Esperaremos, confiantes, os resultados de 2006. À época do primeiro resultado, o ministro da Educação, Paulo Renato Souza (In: http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/g_piolla/id121201.htm), disse estar satisfeito com o desempenho brasileiro porque esperava um pior. Algo pior do que a última colocação entre os 32 países avaliados nos parece um tanto difícil.

Por não querermos esperar o pior nem nos entregar a uma confiança ingênua, refletimos sempre sobre qual o papel da leitura na construção dos sujeitos e de que forma a interação entre os leitores pode alcançar a consciência crítica, tanto mais libertadora quanto mais significativa. Enquanto estudantes do fenômeno da linguagem, professores de língua, esperamos encontrar respostas mais eficientes para o entendimento do que é uma leitura funcional, reveladora de sentidos, fomentadora de idéias.

Ademais, a experiência desse projeto vem ao encontro de uma necessidade ímpar que culmina com o término do curso de Letras, que é a da boa formação profissional. Acreditamos que um curso de Licenciatura como esse deve reforçar o valor do preparo de professores, por meio da aliança pesquisa, ensino e extensão. Nossa instituição nos permite, portanto, o diálogo plural entre a academia e as necessidades reais de nossa sociedade.

2. OBJETIVOS

Uma das primeiras dificuldades que se tem para que o processo de leitura se firme pelo aluno é de ordem material. Como incentivar a leitura se a oferta e o repertório de livros e outros materiais literários são restritos? Essa é uma catraca que segrega muitos de nossos leitores-estudantes, marginalizando-os do contato com obras literárias das mais diversas. A dificuldade de se fazer com que o livro circule é antiga, mas pode ser compensada de alguma maneira.

Nossa intenção é a de promover esse circular de obras entre alunos de 6ª série de duas escolas, uma pública e outra particular, de modo que, junto com elas, circulem idéias-produto da reflexão sobre as leituras de cada grupo (objetivo 1).

Assim, teríamos o contato com experiências de leitura diferentes e, desse processo sócio-interacionista de leitura, chegaríamos ao confronto de posicionamentos de que resultaria uma nova experiência de construção de sentidos (objetivo 2). Essa abordagem, pois, considera com significativa relevância o predomínio plural dos modos de ler de que fala Souza (2005).

Esse projeto pretende ir ao encontro de uma perspectiva pedagógica que reveja as instrumentalidades no trato da leitura. Ele tenta alcançar o entendimento de que ler é compreender e não decodificar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Língua Portuguesa (1998) comungam essa idéia de que “a razão de ser das propostas de leitura e escrita é a compreensão ativa e não a decodificação e o silêncio”.

No entanto, o que ainda se vê em nossas escolas é uma abordagem estruturalista do sentido de compreensão textual. O tratamento tradicional dado à leitura gera, por vezes, a ineficiência do aluno de ler e entender um texto (comprovada por resultados como o do PISA) e o afastamento dessa prática. Afastando-se da prática de leitura, o estudante perde uma concepção maior do ato de ler, que é, segundo Maria (2002), política, que o leva a um questionamento de sua posição social e de sua relação com o mundo e com o outro e lhe garante voz a um silêncio que lhe foi imputado, tornando-o agente transformador de sua realidade.

E se, no contexto escolar, ambiente em que deveria haver o fomento de idéias, há a barreira material e de abordagem, que priva o aluno da leitura e da conseqüente construção de sentidos para o que lê, já não atenderemos ao que os próprios PCNs avaliam como fundamental para o processo educativo que se volte para o estímulo da consciência crítica, política e social dos alunos.

A circulação ou não de livros no ambiente escolar evidencia uma forma de controle a que Possenti (In: MARINHO, 2001) já chamava a atenção, dado o grau de seleção dos discursos de que se cerca toda escolha. Mais grave nos parece quando aquela barreira é estreita a ponto de inviabilizar o ato de ler ou torná-lo contraproducente.

O caráter de nossa investigação visa, dessa maneira, discutir as deficiências do ensino quando se pensa a leitura como objetivo primeiro para a emancipação do indivíduo. Para isso, parte do princípio de que, sendo a leitura o caminho para essa emancipação, deve a escola permitir seu circuito entre os alunos de modo que suas idéias, reflexões e inferências também circulem entre si, garantindo o diálogo, o confronto de pontos de vista e a renovação do espírito crítico (objetivo 3).

Tão logo isso se observe, atingiremos com mais êxito os objetivos dos aludidos Parâmetros Curriculares Nacionais no esforço de que o aluno consiga analisar com criticidade os diversos discursos passando a entendê-los como um espaço de construção de sentidos, não podendo, assim, ser um espaço vazio ou neutro (objetivo 4).

Procuramos, enfim, novas perspectivas para o ensino na tentativa de fazer com que a circulação de livros e de produtos de sua leitura (que são as idéias erguidas pelo(s) leitor(es) por meio da análise e ponderação do texto e contexto para a apreensão do sentido) seja mais abrangente e eficaz (objetivo 5).

Em contrapartida, procuraremos realizar o objetivo de um curso de licenciatura: estaremos envolvidos em práticas de ensino que nos levarão a experiências significativas para a nossa própria formação e a de outros colegas que tomarão conhecimento de nosso trabalho (objetivo 6).

3. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos pelo projeto, trabalhamos com duas escolas, uma pública, outra particular, para conhecer a realidade do tratamento dado à leitura em sala de aula. Para isso, utilizaremos questionários aplicados com alunos e professores de português de turmas da sexta série do ensino fundamental. Além disso, buscamos investigar como circula o livro entre a turma, de que forma ela tem acesso a ele, quais as dificuldades materiais para a promoção da leitura.

Reconhecido o ambiente de nossa investigação, proporemos que haja uma troca de livros literários entre os alunos de uma e outra escola. Será feita uma seleção dos livros que cada turma dispõe para que haja esse intercâmbio literário e o aumento no repertório de livros disponíveis aos alunos.

Após as trocas e as leituras feitas, será proposta uma troca de idéias entre os alunos das escolas, visando compartilhar inferências, modos de ler e entender o texto lido. Para isso, os alunos da escola particular escreverão para os da pública e vice-versa um relato crítico, uma resenha, enfim, um tipo de texto que defina suas impressões sobre a(s) obra(s) lida(s).

Para que esse trabalho seja mais produtor, nos ancoraremos em perspectivas lingüísticas e pedagógicas que venham ao encontro de nosso propósito, fazendo leituras críticas e especializadas que nos dêem subsídio para nossa abordagem.

4. ANÁLISE DOS DADOS

É possível observar uma margem significativa de diferenças relacionada ao modo como a leitura circula nos colégios público e particular com os quais trabalhamos. No primeiro, o acesso ao material de leitura é muito restrito: muitos não conseguem adquirir

nem um livro e, apesar de alguns comprá-lo e até xerocá-lo, a grande maioria fica inviabilizada de fazer a leitura indicada pela professora dada essa barreira material.

O esforço da professora de fazer com que os alunos leiam um livro por bimestre é quase sempre frustrado. A média de leitura é muito baixa e se agrava devido à abordagem feita, uma vez que esse tipo de proposta tem como único fim a aplicação de uma prova, de tratamento quase sempre behaviorista.

O que ocorre, pois, é uma excessiva escolarização das atividades de leitura, que acabam se tornando um fim em si mesmo sem que se procure apropriar-se das práticas sociais de leitura e escrita que levem a um maior letramento dos alunos.

Diante da aludida barreira, sugerimos que se fizesse em sala uma leitura compartilhada: aqueles que têm o livro trabalhado no terceiro bimestre leriam a história aos outros alunos. Todos, em círculo, acompanhariam a leitura e poderiam fazer uma discussão acerca do que fosse lido. Essa atividade segue por três aulas do mês de setembro e, se antes o produto final seria uma prova behaviorista de conferência de leitura, agora poderemos trabalhar com uma proposta mais funcional, mais construtivista que ainda será firmada.

Quanto ao colégio particular, ainda não podemos confirmar uma parceria definitiva, uma vez que até o momento a direção não oficializou o aceite ao projeto. Contudo, pudemos conhecer a realidade daquele local e, de fato, ela é bastante diferente da que vimos na outra instituição. Há nas turmas de sexta série, como de outras séries, um projeto intitulado Circuito do Livro que visa a troca de livros entre os alunos.

Dada a dificuldade de aquisição de todos os livros literários pelos alunos, pede-se que eles comprem livros distintos, que os leiam e depois os troquem entre si. Este ano a escola promoveu uma feira do livro em que houve a presença de inúmeras editoras. Os alunos tiveram contato com todas elas e compraram dois livros que se adequassem à sua respectiva série e que fossem de seu gosto. No terceiro bimestre, trabalha-se com esse material adquirido durante a feira e promove-se a circulação da leitura.

Aqui o foco da leitura não é o da avaliação obrigatória. O trabalho desenvolvido pela professora de português busca, sobretudo, incentivar o gosto pela leitura. Essa experiência do Circuito do Livro é muito positiva e uma alternativa produtora para o problema da oferta de material para que a leitura se realize no espaço escolar.

5. CONCLUSÃO

Este é um projeto em andamento, mas as possibilidades de se efetivar uma proposta de circulação de livros e idéias-produto da leitura feita desses livros estão sendo encaminhadas. O confronto de duas realidades distintas das escolas aqui referidas por meio da troca de livros e leituras seria muito positivo. Contudo, se a parceria com o colégio particular não for firmada, trabalharemos com a idéia do circuito do livro no outro colégio, criando no espaço de sala de aula uma biblioteca circulante. Ali fomentaremos a troca de livros e leituras que motiva nosso projeto.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C. D. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – língua portuguesa.. (5ª - 8ª)*. Brasil: MEC, 1998.

ECO, U. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

Encontro Ibero-americano do PISA – Programa Internacional para Avaliação de Alunos. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: «http://www.inep.gov.br/download/internacional/pisa/Seminario_set_2005/Apresentacao_PISA_encontro_iberio-americano.ppt» Acesso em 6 de abril de 2006.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MARIA, L. *Leitura e Colheita: Livros, Leitura e Formação de Leitores*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARINHO, M. (Org.). *Ler e Navegar: Espaços e Percursos da Leitura*. Campinas: Mercado das Letras/ Associação de Leitura do Brasil, 2001.

PIOLLA, G. *Poderia ser pior, Sr. Ministro?* Ong Cidade-Escola Aprendiz. Disponível em: «[http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/g_piolla/id121201 .htm](http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/g_piolla/id121201.htm) » Acesso em 6 de abril de 2006.

SOUZA, A. P. de. Modos de Ler: o Predomínio do Plural. In: VASCONCELOS, M. L. B. B. (Org.). *1ª Bienal do Livro de Goiás: Homenagem a Bernardo Élis*. Goiânia: AGEPEL/ Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

FONTE DE FINANCIAMENTO – PROLICEN/UFG.

¹ Bolsista de iniciação científica do PROLICEN. Faculdade de Letras /UFG. rafatets@hotmail.com

² Orientador. Faculdade de Letras /UFG. apotenciano@uol.com.br